

FAVELAS EM LONDRINA

(texto de Marina Stuchi)

Londrina se configura como uma cidade de contrastes desde sua fundação. Já na década de 1930, a questão da habitação já se configurava como um problema a ser resolvido, pois eram pouquíssimas as construções na cidade recém emancipada, sendo que não havia ainda um plano diretor para a urbe. Com a expansão cafeeira, a cidade também cresce tanto em seu território quanto demograficamente.

Enquanto uma parte dos trabalhadores que se deslocaram para o Norte do Paraná, chegava com dinheiro para adquirir a terra na qual iria trabalhar, a outra, era trazida pelos grandes proprietários de terras na condição de colonos, empregados que moravam nas fazendas e cuja família inteira se envolvia na plantação, no cultivo e na colheita do café. Porém, já na década de 1950, alguns fazendeiros introduziram técnicas e práticas agrícolas que adotavam métodos modernos para a colheita, com a mecanização das lavouras. A tração animal foi introduzida para carpir as ruas de café e agilizar esse processo. Além dos terreiros de secagem do café, foram introduzidas as tulhas secadoras ou os secadores mecânicos, que apresentavam as vantagens de não ficarem sujeitos às condições meteorológicas, garantindo uma maior produção num menor tempo. Porém, se por um lado foi possível otimizar a produção do café, por outro houve a diminuição da mão de obra utilizada nas lavouras.

Londrina na década de 1950 começava a ser aclamada como a “Capital Mundial do Café”, pois se transformava num grande centro de negócios, por onde passava toda a produção da região, e se negociava o produto com os compradores em nível nacional e internacional. A exportação do café injetava um montante extraordinário de capitais na cidade, que era transformado em prédios, ruas, praças, avenidas, mansões, palacetes. A configuração da paisagem citadina se transformava aceleradamente, a cafeicultura era o mote das metamorfoses urbanas, e os cafeicultores ditavam o ritmo das

transformações políticas. Porém, o crescimento do poder econômico e político da cafeicultura era acompanhado pelo crescimento demográfico. Cada vez mais migrantes pobres chegavam e ocupavam os loteamentos irregulares, bem como os hotéis baratos e pensões na região central, criando a imagem de uma cidade multifacetada, onde conviviam em um mesmo espaço a riqueza e a pobreza.

O processo de favelização em Londrina teve início na década de 1950, quando, atraídas pela promessa de enriquecimento fácil e rápido no “Eldorado cafeeiro”, pessoas advindas de outros estados brasileiros e até de outros países chegavam a Londrina trazendo na mala apenas a esperança de uma vida melhor. Essa década foi marcada por migrações de populações pobres, principalmente do Nordeste, em busca de sobrevivência.

Portanto, concomitantemente ao desenvolvimento socioeconômico vivido à época, iniciou-se o processo de empobrecimento da população que, apesar de ter migrado para a região em busca de trabalho e melhores condições de vida, não foi absorvida em sua totalidade pelo mercado de trabalho. Ou, não conseguiu liquidar as dívidas contraídas com a compra de terras, sendo obrigada a vendê-las e se transferir para as periferias da cidade, sendo forçada a sobreviver do trabalho temporário ou mesmo desempregada e sem perspectivas de trabalho. Assim, o fluxo de pessoas da zona rural rumo à área urbana, como dito acima, por conta da modernização das práticas de cultura, fez com que a população da cidade aumentasse de forma acelerada e que, por consequência, comesçassem a surgir os primeiros loteamentos residenciais irregulares. A proliferação desses loteamentos foi o principal fator de origem das favelas.

O problema da habitação irregular em Londrina tem seu surgimento na década de 1950, sendo que já existiam 53 vilas espalhadas por diferentes lugares, nascidas das subdivisões de lotes em pequenos terrenos de baixo preço, formando um padrão periférico de moradia, com a existência de barracos construídos de madeira e cobertos de telhas.

A primeira delas foi a favela do Pito Aceso que teve seu início em 1953, quando 15 famílias procedentes de áreas rurais (principalmente migrantes do Nordeste e de Minas Gerais) se instalaram de maneira irregular nas encostas do Córrego Água Fresca (onde atualmente fica o Cemitério João XXIII). O fato de as pessoas se instalarem nas encostas do córrego se dá por conta da necessidade de água, uma vez que nos terrenos irregulares não existia o serviço público municipal de água encanada e os poços, quando perfurados, muitas vezes não davam conta do abastecimento de todas as famílias ali assentadas.

Três anos depois, surgiu na região leste a Vila do Grilo, ocupada inicialmente por 18 famílias também procedentes do Nordeste do país. Em 1958 e 1959 instalaram-se mais duas ocupações irregulares, a Vila Esperança e a Nossa Senhora da Paz - Paranoá, sendo ambas ocupadas por famílias advindas da zona rural e da região Norte paranaense.

Esta problemática estendeu-se nos anos que se seguiram. Contudo, a partir da década de 1990 a situação habitacional agravou-se de modo opressor na cidade, pois além dos reflexos da crise nacional, iniciada nos anos de 1980, com a redução do número de financiamentos para habitação, somaram-se as dívidas da COHAB-LD para com a Caixa Econômica Federal - CEF, provocando suspensão dos financiamentos concedidos ao sistema habitacional local.

A partir dos anos de 1990, o número de ocupações irregulares em Londrina aumentou muito, passou de 15 para mais de 50 ocupações por toda a cidade, em menos de 10 anos. No ano de 2000, mais de 50 mil pessoas viviam nestas áreas, dispersas por toda a cidade. É na porção sudeste de Londrina que se localiza a maior concentração dessas ocupações em termos populacionais, como também da exclusão social que ocorre na cidade, especialmente, no bairro União da Vitória, fato decorrente, principalmente, da topografia acidentada, que desvaloriza localmente os terrenos.

De acordo com os estudos realizados, os bairros de Londrina, como o União da Vitória, Avelino Vieira, João Turquino, Maracanã, Leonor, Marabá, Sabará, Santa Fé, são regiões que concentram grande parte da população negra.

Porém, se os serviços públicos de saúde, educação, segurança são mais difíceis de chegar nestes espaços, a violência é uma realidade presente no cotidiano dos moradores dessas regiões.

Após a constatação da ausência do negro nos registros oficiais mais conhecidos da história de Londrina, torna-se necessário conhecer a realidade atual da população negra na cidade. Muitas questões podem ser feitas: como e aonde vivem essas pessoas na cidade de Londrina, o que fazem para sobreviver? Qual é a sua formação educacional? Qual a situação das famílias, e sua moradia, como são? Como vivem e pensam a questão racial no Brasil? A reflexão sobre a existência do racismo será que é feita de maneira crítica mediante a análise do cotidiano dessas pessoas?